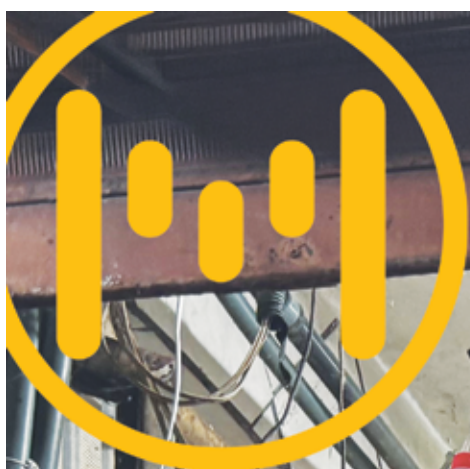




# METROPOLE

SSA - BA

# HERÓIS DA RESISTÊNCIA

Mercados populares como o das Sete Portas resistem ao processo de gourmetização que provocou o esvaziamento de espaços como a Ceasinha do Rio Vermelho e mantém viva uma tradição consolidada à base da baianidade, do olho no olho com o cliente no balcão e da oferta de produtos raros de encontrar nos supermercados da capital. Págs. 2 a 4

06 AGO 2026



Na Bahia, casos de AVC entre jovens adultos crescem quase 50% em dez anos. Págs. 6 e 7



João Cezar de Castro Rocha mostra como transformar entrevista em sala de aula. Pág. 8 e 9



Filé do Streaming destaca novas temporadas de Ted Lasso e Operação Lioness. Pág. 11

# Muito além da Ceasinha

Mercados populares resistem às mudanças da cidade apostando na tradição, na clientela fiel e na capacidade de se reinventar fora da gourmetização

Fotos de **Luan Borges e Thaissa Oliveira**  
 Texto **Duda Matos**  
[redacao@radiometropole.com.br](mailto:redacao@radiometropole.com.br)

Antes das grandes avenidas, dos ataques da vida e dos aplicativos de entrega, o abastecimento de Salvador se resolvia na conversa e no balcão das feiras populares, entre o camarão seco, a farinha, o quiabo e o azeite de dendê. A cidade acelerou e trouxe a tentativa de impor o “jeito São Paulo” de consumir: um modelo que troca a feira popular pela lógica de shopping e empurra a antiga clientela para fora, tanto pelo preço quanto pela atmosfera gourmetizada.

Mas um pedaço da cidade ainda resiste a essa fórmula. Longe das grandes requalificações, mercados como o das Sete Portas, Paripe e Ogunjá preservam a rotina popular no balcão. Neles, a sobrevivência não dependeu de obras ou grandes reformas, e sim da capacidade dos comerciantes de se reinventar sem perder a baianidade, mesmo com estrutura precária.

Inaugurado em 1940, o Mercado das Sete Portas virou ponto de reação contra o esvaziamento do comércio tradicional. Há 35 anos no ponto deixado pelo pai, Jair Nascimento dos Santos enfrentou as mudanças no transporte e o crescimento dos supermercados de bairro alterando a forma de trabalhar: criou um serviço de entregas diretas para manter ativa a clientela que já não consegue ir até a feira.

Há 42 anos no local, Janete dos Santos, a Linda do Beiju, reforça que o mercado segue de pé pela teimosia de feirantes e clientes fiéis que recusam substituir a feira tradicional pela conveniência dos grandes centros. “Hoje, quem mantém isso aqui é quem vem de carro e faz questão de continuar comprando com a gente”, resume.

A luta pela permanência também passa pela modernização do balcão. Yuri Trindade representa a terceira geração de uma família que está há seis décadas no espaço. Diante das transformações do setor, ampliou o mix de produtos e usou o alcance das redes para colocar gente no mercado.

Muitos clientes ainda desembarcam lá porque há produtos de qualidade dificilmente encontra em outro lugar, muito menos nos supermercados da cidade. O que inclui, entre outras iguarias, a miraguaia salgada, peixe famoso por substituir o bacalhau e muitas mesas baianas, a farinha de mandioca de várias cidades do interior, o feijão mulatinho e a linguiça defumada de Maragogipe.



Publisher **Editora KSZ**  
 Diretor Executivo **Chico Kertész**  
 Editor-Chefe **Jairo Costa Jr.**  
 Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**  
 Editor de Arte **Paulo Braga**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**  
 Redação **Duda Matos, Ismael Encarnação, Laisa Gama, Luan Borges, Thaissa Oliveira, Victor Quirino e Vítor Bahia**  
 Revisão **Redação**

Comercial **(71) 3505-5022**  
[comercial@jornaldametropole.com.br](mailto:comercial@jornaldametropole.com.br)  
 Rua Conde Pereira Carneiro, 226 - Pernambués - CEP 41100-010  
 Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000

# Novo, mas sem perder o charme

No Subúrbio Ferroviário, o Mercado Municipal de Paripe mostra outro lado dessa resistência, onde a conquista de uma estrutura física garantiu o trabalho dos feirantes. Há 36 anos no local, Floresvaldo Santos Souza começou a trabalhar em uma antiga feira a céu aberto, onde comerciantes conviviam com esgoto e ônibus circulando ao lado das barracas. A construção do mercado mudou essa realidade.

Segundo ele, a melhoria das instalações trouxe mais conforto para comerciantes e consumidores e ajudou a fortalecer o movimento. Mas ele atribui a permanência do mercado, principalmente, à relação construída entre permissionários e fregueses ao longo de décadas. Para Floresvaldo, o diferencial continua sendo o atendimento e a confiança cultivada diariamente entre quem vende e quem compra. Além, é claro, do padrão baiano de conviver e consumir.



## Luta contra a degradação

No Mercado do Ogunjá, a resistência ganha contornos mais duros: a luta contra a degradação física e o abandono do poder público. Mesmo com trechos interditados e sem grandes reformas há cerca de duas déca-

das, os feirantes que permanecem no local recusam-se a cruzar os braços. Diante da ausência de intervenções oficiais, os próprios comerciantes assumiram o custeio da iluminação interna e executam reparos do próprio

bolso para manter os boxes abertos.

Há quase 46 anos no mercado, Robson Teixeira viveu o apogeu do espaço nas décadas de 1980 e 1990, quando consumidores de diversos cantos da capital lotavam os corredores. Com a falta de manutenção afastando o público, Robson combate o esvaziamento apostando na procedência do produto artesanal. Em sua banca, ele garante o café moído na hora, a farinha do Recôncavo, a banha de porco e o mel de cacau vindo de seu sítio em Santo Antônio de Jesus, oferecendo uma variedade que a rede de supermercados convencionais não alcança.

A cobrança por investimentos mobiliza quem se recusa a deixar a história do local apagar. Filho de um dos fundadores, João Luiz Ribeiro trabalha no Mercado do Ogunjá desde a inauguração e destaca que, dos 144 boxes originais, apenas 41 seguem resistindo. A permanência do grupo é um ato de combate pelo direito de trabalhar. “Nós não vamos desistir. Isso aqui gera emprego, atende bairros importantes”, afirma João Luiz.



# Desfigurados e esvaziados pela gourmetização

Se nos mercados populares que resistem a sobrevivência depende da capacidade de adaptação dos permissionários, em outros casos a intervenção veio de cima para baixo. Sob a promessa de modernizar e reorganizar o comércio, reformas institucionais acabaram impondo uma estética de shopping center que higienizou a identidade popular e entregou o efeito oposto ao prometido: corredores vazios e queda no movimento.

No Mercado São Miguel, na Baixa dos

Sapateiros, esse descompasso é evidente. A comerciante Margarida Inês conheceu o antigo mercado há 32 anos, ainda coberto por galpões, quando o espaço reunia açougue, feira, hortifrúts e um fluxo intenso de clientes.

Ela reconhece que a estrutura antiga já não suportava o tempo e precisava ser substituída, mas afirma que a reconstrução resolveu um problema e criou outro. “O mercado ficou bonitinho, mas os clientes antigos acharam que isso aqui virou shopping”, conta.

## NEM A VISTA SALVA

Poucos mercados de Salvador têm uma localização tão privilegiada quanto o de Itapuã. De frente para o mar, o espaço reúne restaurantes, peixarias e boxes de produtos típicos. Ainda assim, nem a paisagem consegue esconder o esvaziamento.

A promessa de mudança está na reforma anunciada pela prefeitura. Enquanto isso, os comerciantes convivem com boxes fechados e a ausência de clientes durante a semana. Segundo o presidente da associação do mercado, Tom Torres, a expectativa é que a requalificação ajude a recuperar o movimento de um equipamento que, apesar dos problemas, ainda tem força no bairro.

## CADÊ O PÚBLICO?

Em Cajazeiras, a estrutura não é exatamente o problema. O Mercado Municipal do bairro foi construído para organizar o comércio informal da região e continua conservado. Banheiros funcionam, há água, iluminação e limpeza. Mas o desafio também é fazer as pessoas entrarem. “Hoje quem trabalha aqui precisa buscar o cliente lá fora”, diz o comerciante Carlos Passos.

# Para turista ver

Poucos endereços ilustram tão bem a gourmetização dos centros de comércio popular quanto o antigo Mercado do Peixe, no Rio Vermelho. Durante décadas, o espaço existiu no sentido mais bruto e literal da palavra: peixe fresco na pedra, pescadores e gente querendo comprar, comer e beber à base da baianidade.

A requalificação urbana, contudo, mudou até o nome. Agora, na Vila Caramuru, os antigos frequentadores encontram são restaurantes de rede e cardápios precificados para o turismo de ocasião.

Mudança parecida ocorreu também na Ceasinha do Rio Vermelho. A reforma concluída em 2014 pelo governo do estado transformou o mais cobiçados dos mercados populares da cidade em uma feira chique para moradores de bairros nobres de Salvador. Como resultado, afastou o povo, provocou o fechamento de diversos boxes e restaurantes e deixou um calor desagradável pela incapacidade de climatizar o espaço.



Semana do Dia dos Pais

No Dia dos Pais,  
presenteie diferente: dê  
a ele o clima ideal, todos  
os dias do ano.



AR CONDICIONADO SPLIT HI WALL - INVERTER  
R-32 - HISENSE - 9.000 BTUS - 220V  
MONOFÁSICO

Enviamos para  
todo o Brasil

- 

FRIO  
POTENTE
- 

MAIS  
SILENCIOSO
- 

Frete a calcular





À vista no PIX:  
**R\$ 1.529,10**

em até 8 x de  
**R\$ 212,38**  
sem juros



# Jovens com cérebro em risco

Em dez anos, Bahia registra crescimento de quase 50% das internações de pessoas com menos 40 anos acometidas por AVC, taxa superior à média nacional, que é de 28,5%

**Texto Ismael Encarnação**  
[redacao@radiometropole.com.br](mailto:redacao@radiometropole.com.br)

Acordar muito cedo e dormir muito tarde, comer qualquer coisa na correria e conviver diariamente com estresse. Essa é uma rotina comum entre jovens adultos que pode esconder riscos de acidente vascular cerebral, mais conhecido pela sigla AVC. Segundo o Ministério da Saúde, as internações por AVC entre pessoas com menos de 40 anos cresceram quase 50% entre 2015 e 2025 na Bahia, percentual superior à alta de 28,5% registrada no Brasil. Além disso, no estado, 1.234 pessoas dessa faixa etária morreram pela doença no estado entre 2016 e 2026, segundo a Secretaria Estadual da Saúde da Bahia (Sesab).

A Bahia registrou o maior número de internações da série em 2023, quando 813 pacientes com menos de 40 anos foram hospitalizados após sofrerem AVC. No Brasil, o pico também ocorreu em 2023, com 9.594 internações. O crescimento chama atenção

porque atinge pessoas em plena idade produtiva, muitas vezes sem diagnóstico anterior de hipertensão, diabetes ou colesterol elevado.

## RISCO PRECOCE

Segundo o neurologista Ramon Kruschewsky, professor universitário e membro das academias Brasileira e Americana de Neurologia, o principal motivo dos índices alarmantes é o aumento dos fatores de risco vascular entre pessoas mais novas. Obesidade, pressão alta, diabetes, colesterol elevado, sedentarismo e tabagismo estão aparecendo mais cedo e, juntos, podem estar relacionados a cerca de 80% dos AVCs isquêmicos nessa população.

O AVC isquêmico ocorre quando uma artéria que leva sangue ao cérebro fica obstruída. Já o hemorrágico acontece quando um vaso se rompe e provoca sangramento cerebral. Entre os jovens, também aparecem causas menos comuns na população idosa,

como alterações nas artérias, problemas de coagulação, doenças genéticas, anemia falciforme e coágulos formados no coração que chegam ao cérebro.

## UM NOVO PERFIL

A mudança de perfil aparece nas histórias de quem viu a vida mudar completamente antes dos 40 anos. Aos 29, a personal trainer Marcelli Maia, moradora de Lauro de Freitas, passou semanas procurando atendimento por causa de dores de cabeça intensas e esgotamento físico. Em diferentes consultas, recebeu tratamento para enxaqueca até descobrir que havia sofrido um AVC isquêmico.

Já José Carlos de Jesus, de Salvador, tinha 33 anos quando sofreu dois AVCs em sequência. Cabeleireiro, começava a trabalhar cedo, não tinha hora para encerrar o expediente, beliscava lanches no lugar de almoçar e dormia pouco. A rotina intensa acabou interrompida por uma doença que o deixou com sequelas permanentes.

imagem gerada com auxílio de IA



# Sinais menos típicos abaixo dos 40

Marcelli não tinha pressão alta, diabetes ou colesterol elevado. Por trabalhar como personal trainer e manter hábitos considerados saudáveis, nela, nem pessoas próximas imaginaram que os sintomas pudessem estar ligados a um AVC. Durante um mês, buscou atendimento em emergências e passou por oftalmologista e ortopedista, mas a possibilidade da doença não foi considerada.

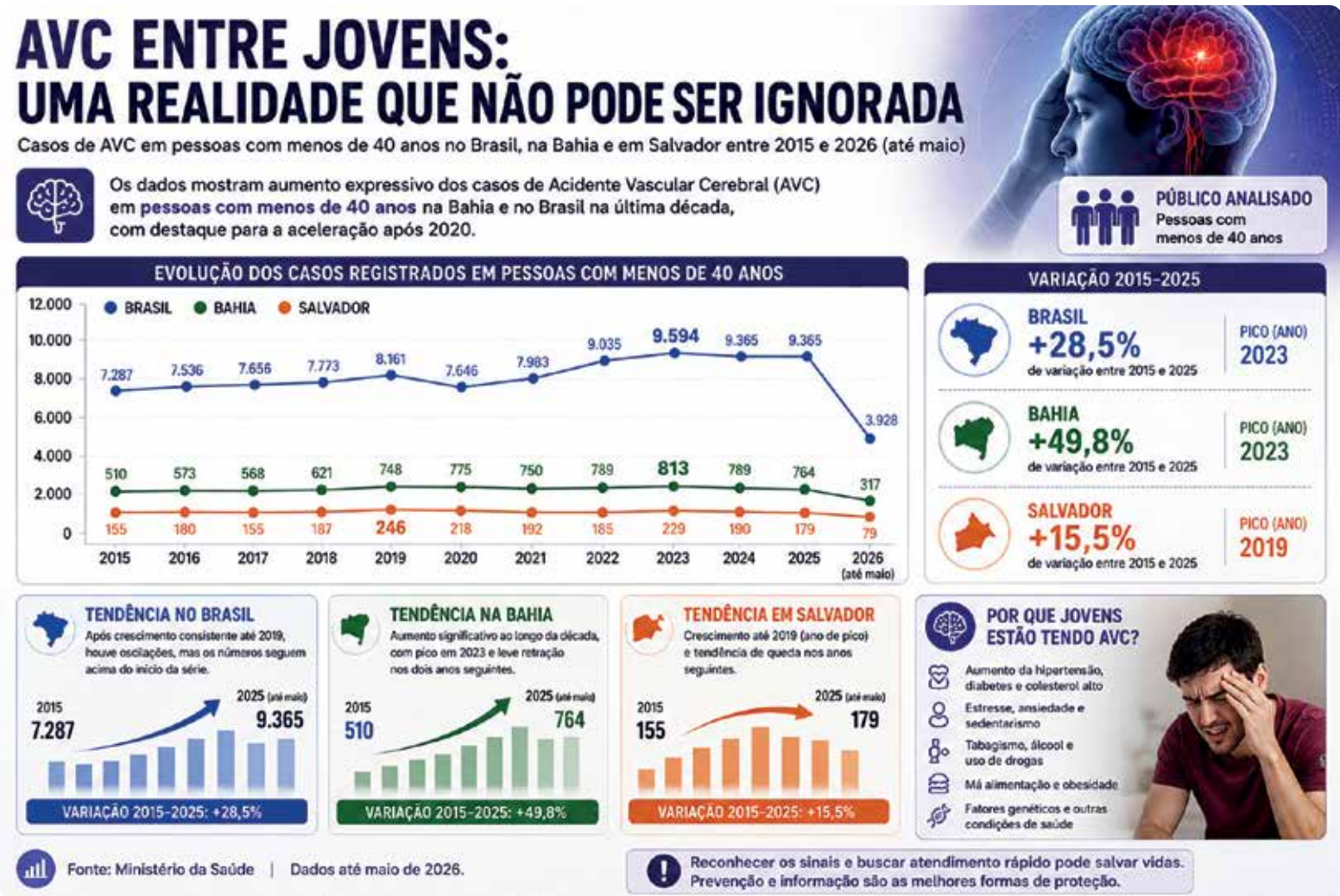
A demora para identificar o problema está ligada à ideia de que uma pessoa jovem não pode sofrer AVC. Kruschewsky explica que, além dos sinais

conhecidos, cerca de 26% dos pacientes jovens podem apresentar manifestações menos típicas, como dor de cabeça isolada, tontura, vômitos, confusão, alterações de comportamento e sintomas que melhoram e pioram ao longo do dia.

No caso de Marcelli, o AVC comprometeu a fala e funções automáticas do corpo. Hoje, aos 35 anos, ela ainda faz fisioterapia, fonoaudiologia, terapia ocupacional, neuromodulação e acompanhamento psicológico. Ainda não conseguiu voltar ao trabalho como personal trainer, mas afirma ter en-

contrado novos sentidos na vida durante a recuperação.

Com José Carlos, o atendimento também não foi imediato. No fim de maio de 2009, a família recebeu uma ligação de um amigo por volta das 22h que dizia que o cabeleleiro estava com a fala embolada. Os irmãos foram até o local e o levaram ao hospital, mas, enquanto aguardava atendimento, ele sofreu outro AVC. O cabeleleiro entrou em coma e perdeu os movimentos do lado direito do corpo. Perto de completar 50 anos, mora com os pais na Ilha de Itaparica.



CIDADE



METROPOLE

# Estresse e excesso de trabalho

As histórias também mostram como diferentes fatores podem se acumular. Kruschewsky explica que trabalhar 55 horas ou mais por semana está associado a um risco maior de AVC. Dormir menos de cinco horas ou mais de nove horas regularmente também pode aumentar o perigo.

O especialista ressalta que o estresse raramente aparece sozinho. Em geral, vem acompanhado de alimentação inadequada, sedentarismo, consumo de álcool, tabagismo e falta de acompanhamento médico.

Cigarro, vapes, drogas estimulantes, anabolizantes e consumo excessivo de álcool também podem causar inflamação, elevar a pressão, provocar arritmias e favorecer a formação de coágulos.

## SINAIS E CUIDADOS

Fraqueza ou dormência de um lado do corpo, boca torta, dificuldade para falar ou entender, alteração repentina da visão, perda de equilíbrio e dor de cabeça súbita e muito inten-

sa merecem atendimento imediato, reforça o neurologista Ramon Kruschewsky, ao apontar os principais sintomas da doença.

Controlar a pressão arterial, o diabetes, o colesterol e o peso, praticar exercícios, dormir adequadamente, evitar o cigarro e as drogas e reduzir o consumo de álcool são medidas essenciais. Uma alimentação baseada em vegetais, frutas, legumes, peixes, castanhas e alimentos pouco processados também contribui para diminuir o risco.



# Sala de aula na Radinha

Em uma entrevista que movimentou ouvintes e redes sociais, o escritor João Cezar de Castro Rocha traça um panorama ‘literário’ sobre o Brasil, Lula, bolsonarismo, eleições e guerra cultural

Texto **Laisa Gama**

[redacao@radiometropole.com.br](mailto:redacao@radiometropole.com.br)

Por uma hora, o professor, pesquisador e escritor carioca João Cezar de Castro Rocha transformou o estúdio da Rádio Metropole em uma sala de aula, durante entrevista concedida ao apresentador Mário Kertész no último dia 30, quando visitou Salvador. Em uma conversa que transitou entre política, história, filosofia e literatura, Castro Rocha fez Shakespeare encontrar Hannah Arendt, Donald Trump dividir espaço com Jair Bolsonaro e a disputa presidencial de 2026 no Brasil conversar com a literatura inglesa do século XVI.

Convidado do Jornal da Bahia no Ar, ele não economizou nas provocações. Castro Rocha, que também é enxadrista, disse que o Brasil vive sob o efeito da “mais poderosa máquina de desinformação da história do homo sapiens”, classificou a família Bolsonaro como uma “franquia” e afirmou que a eleição de 2026 será menos uma disputa entre direita e esquerda e mais um embate em torno da soberania nacional.

Para ele, a guerra cultural produziu um ambiente em que fatos perderam espaço para narrativas emocionalmente poderosas. O problema já não é a falta de informação, mas justamente o contrário: o excesso. “O problema não é que as pessoas não tenham argumentos. O problema é que elas têm argumen-

tos demais, embora sejam falsos”. Em resumo, diz que “estamos vivendo um caos cognitivo”.

Nesse processo ele enxerga a força do chamado antilulismo. Mais do que uma rejeição ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), ele o enxerga como um fenômeno histórico recorrente na América Latina, semelhante ao antivarguismo no Brasil antes de 1950 ou ao antiperonismo na Argentina. O que, disse, não passa de reação às políticas voltadas às classes populares. Leia abaixo os principais trechos dessa entrevista que rendeu grande repercussão nas redes sociais ou se preferir assista na íntegra pelo canal [youtube.com/portalmetro1](https://www.youtube.com/portalmetro1).

## “FRANQUIA BOLSONARO”

Quando a conversa chegou ao bolsonarismo, João lançou uma das frases mais contundentes da entrevista. Segundo ele, os Bolsonaro não formam um clã político, tradição comum na política brasileira, mas uma “franquia”. A principal característica da família, afirma, seria transformar práticas de apropriação da máquina pública em um modelo reproduzido ao longo dos anos.

As críticas se estenderam à relação entre aliados do ex-presidente Jair Bolsonaro e do presidente norte-americano Donald Trump. Para Castro Rocha, nunca houve, na história recente do país, uma geração de políticos “tão entreguistas” quanto a atual. “O verda-

deiro debate da eleição será a soberania nacional”, afirmou, ao dizer que a interferência dos EUA nos assuntos brasileiros deve ocupar o centro da campanha presidencial.

## COBRANÇA À ESQUERDA

Se as críticas ao bolsonarismo vieram em tom duro, João também reservou espaço para cobrar mudanças da esquerda. Segundo ele, o campo progressista não pode tratar a segurança pública apenas como um desdobramento da desigualdade social. Durante décadas, argumentou o escritor, parte da esquerda associou determinadas formas de banditismo a uma espécie de rebeldia social, enxergando a violência como consequência da exclusão e das injustiças históricas. Essa leitura, afirmou, fazia sentido em um contexto em que a própria esquerda era perseguida, mas deixou de responder à realidade com o avanço do crime organizado.

“A esquerda precisa apresentar um projeto contra o crime organizado que seja de caráter imediatista. É preciso recuperar os territórios controlados pelo crime organizado e seguir o dinheiro”, defendeu. Embora aponte que a direita identifica corretamente a gravidade do problema, Castro Rocha critica as respostas simplista demais desse campo ao oferecer uma saída, focada no bandido pequeno.

# Shakespeare explica

Em outro ponto da conversa, recorreu a Shakespeare para explicar o cenário político atual. Ao comentar a figura de Ricardo III, personagem que decide se tornar um vilão para conquistar o poder, o pesquisador estabeleceu um paralelo com líderes como Donald Trump e Jair

Bolsonaro. “Nunca antes alguém tinha vindo ao palco diante da plateia e dito: ‘Estou decidido a provar-me um vilão’”, afirmou.

Na interpretação de João, esse comportamento representa uma mudança em relação às formas tradicionais de autoritarismo. “Não é mais a

banalidade do mal. É a ostentação da vilania”, disse, em um diálogo com o conceito formulado por Hannah Arendt. Para ele, o vilão contemporâneo já não esconde suas intenções nem busca parecer moderado. Ao contrário, transforma a agressividade e a provocação em capital político.

luan borges/metropress



ENTREVISTA W



METROPOLE

## Prognóstico para 2026

João Cezar de Castro Rocha também arriscou um prognóstico um tanto otimista para a eleição presidencial. Em sua avaliação, Lula chegará fortalecido à disputa e será reeleito logo no primeiro turno. Para ele, a extrema-direita entrou em um processo de desgaste que tende a se intensificar nos próximos anos.

Para chegar ao prognóstico, o professor de literatura comparada novamente recorreu a Shakespeare literatura. Buscou em Macbeth uma metáfora para interpretar o cenário contemporâneo. Na célebre obra, o usurpador acredita que seu poder

permanecerá intacto até que “a floresta caminhe” em sua direção, um acontecimento que ele considera impossível. A surpresa vem quando o exército inimigo avança camuflado por galhos e folhas, fazendo a profecia se cumprir.

É nessa passagem que ele encontra um paralelo com a política contemporânea. “O que derrotará a extrema direita, Elon Musk, Donald Trump, Nayib Bukele, Flávio Bolsonaro, é a natureza. O negacionismo climático ao qual eles abraçam retornará como reivindicação política. A floresta começou a se mover”, concluiu.

**A esquerda precisa apresentar um projeto contra o crime organizado que seja de caráter imediatista. É preciso recuperar os territórios controlados pelo crime organizado e seguir o dinheiro**

# Cheirinho de mofo

Jogadores antes importantes já não rendem o esperado no Bahia, e janelas de transferências fracas não conseguem preencher as lacunas do Tricolor

Texto **Vitor Bahia**  
[redacao@radiometropole.com.br](mailto:redacao@radiometropole.com.br)

A queda de nível dos medalhões expõe a necessidade da renovação de elenco do Bahia. Faz mais de dois anos da janela de transferências que prometia impulsionar o Bahia, quando chegaram Everton Ribeiro, Jean Lucas e Caio Alexandre para reforçar um time que já tinha Cauly como protagonista, em 2024. Na temporada seguinte, chegou Erick Pulga. O tempo passou, alguns do elenco foram embora, outros nem integram mais a equipe principal ou ficam no vai e vem, no banco de reservas. Enquanto isso, o time não consegue dar o próximo passo no projeto do Grupo City.

Pelo segundo ano consecutivo, o Esquadrão segue andando para o lado. Em 2026, o time tem desempenhos piores que em edições anteriores das competições eliminatórias, como Copa do Brasil e Libertadores, e está fora da zona de classificação direta para o torneio continental. Parte dessa estagnação decorre da falta de peças em alto nível à disposição de Rogério Ceni. Com exceção de Acevedo, Ramos Mingo e Luciano Juba, o Esquadrão não tem nenhum

atleta que seja unanimidade nas suas posições. Pontas inconsistentes, lateral direito e centroavante em adaptação, além de um goleiro que vira e mexe comete erros.

As duas janelas de transferências em 2026 trouxeram, no total, sete jogadores. Alguns deles promissores, como Román Gómez e Allejo Veliz, jovens que ainda estão se adaptando ao time titular. Outros nem tanto, como Everaldo, que voltou ao time após ser bastante contestado no Fluminense. Só que nenhum dos dois pacotes de reforços trouxe no-

mes de peso e consolidados como em anos anteriores.

Várias posições ainda apresentam fragilidade e precisam de melhora, como a ponta direita, ocupada na temporada por Ademir e Kike Olivera, e a ponta esquerda, por Juba e Sanabria. A expectativa de conquistar um grande título diminui cada vez mais, porque essa inconsistência no elenco principal ocasionou quedas precoces nos torneios eliminatórios e o time passou longe de competir com Palmeiras e Flamengo pelo Brasileirão.

## Que susto!

Um piloto brasileiro chamado Igor Fraga se envolveu em um acidente grave enquanto participava da etapa Fuji do Super GT, a principal categoria de automobilismo de carros da classe Gran Turismo do Japão, no dia 2 de agosto. O brasileiro perdeu o controle do veículo, por conta de um toque por trás de outro carro, e foi arremessado ao ar. Em pronunciamento recente, ele afirmou não ter sofrido grandes lesões e recebeu alta.

## Estica e puxa

A novela de Vinicius Júnior e a renovação com o Real Madrid segue firme e forte. Para que o contrato que termina em 2027 seja renovado, o jogador quer um aumento salarial correspondente ao protagonismo que exerceu no clube em conquistas recentes. Há jogadores que fizeram menos e recebem mais, como Mbappé. Há chances reais do camisa sete sair do clube espanhol, tendo o Arsenal como destino mais provável.



rafael ribeiro/ebahia



★★★★★  
**Ted Lasso**  
 Apple TV | Série, 4 temporadas  
 Comédia e Drama

# Filé do Streaming

**Texto Victor Quirino**

[victor.quirino@radiometropole.com.br](mailto:victor.quirino@radiometropole.com.br)

Quem gosta de revisitar boas histórias terá uma semana movimentada nos streamings. Na Paramount+, a série Operação Lioness retorna para a terceira temporada com uma nova missão de infiltração em organizações terroristas. Protagonizada por Zoe Saldana (Guardiões da Galáxia), Nicole Kidman (Moulin Rouge) e Morgan Freeman (Um Sonho de Liberdade), a produção faz da espionagem seu maior trunfo ao equilibrar ação e suspense.

Mas as continuações não param por aí. Na Apple TV, Ted Lasso retorna para sua quarta temporada com novos desa-

fios no comando de um tradicional time de futebol inglês. A série mantém o humor e carisma que a transformaram em um fenômeno, provando que, às vezes, o maior talento de um treinador não está nas táticas, mas na capacidade de inspirar quem está ao seu redor.

E quando o assunto é revisitar clássicos, a Netflix também tem novidades. Cem Anos de Solidão retorna com sua segunda temporada para dar continuidade à adaptação do romance homônimo de Gabriel García Márquez, considerado um dos maiores clássicos da literatura latino-americana. A série preserva o realismo mágico que consagrou a obra ao acompanhar as novas gerações da famí-

lia Buendía, reafirmando porque o livro permanece tão influente décadas após sua publicação.

Já a HBO Max aposta em outro caminho: em vez de uma continuação direta, a plataforma expande a esfera de um de seus maiores sucessos. A série Stuart Não Consegue Salvar o Universo acompanha o atrapalhado personagem de The Big Bang Theory em uma sequência de viagens por diferentes realidades, misturando ficção científica e comédia. Sem abrir mão do humor característico da série original, a produção transforma o personagem secundário em protagonista de aventuras tão caóticas quanto divertidas.

CULTURA



METROPOLE

## Baú de Relíquias

**Tubarão** Disponível no Telecine, o clássico lançado em 1975 e dirigido por Steven Spielberg revolucionou o cinema ao transformar um ataque de tubarão em aula de suspense. Ao apostar na trilha marcante do maestro John Williams, Spielberg revela o tubarão aos poucos, para criar um constante estado de tensão. Considerado o primeiro grande blockbuster, o filme conquistou milhões de espectadores nos cinemas ao redor do mundo e influenciou o gênero de terror com efeitos especiais criativos.

## Laranjada

**72 Horas em Miami** Disponível na Netflix, o filme parece uma tentativa desesperada de reviver o sucesso de “Se Beber, Não Case” (2009), mas sem humor, carisma e criatividade. As piadas não funcionam, os personagens têm a profundidade de um pires e as atuações exageradas transformam quase todas as cenas em uma paródia involuntária. Quase duas horas perdidas. Se viver, não assista!



**Operação Lioness**  
 Paramount+ | Série, 3 temporadas  
 Ação e Suspense



**Cem Anos de Solidão**  
 Netflix | Série, 2 temporadas  
 Drama



**Stuart Não Consegue Salvar o Universo**  
 HBO Max | Série, 10 episódios  
 Comédia e Ficção Científica



# O programa mais completo de superação da pobreza

Para mudar a realidade de milhares de famílias carentes, a Prefeitura acaba de lançar o programa Vida Nova. Agentes realizam visitas para identificar as necessidades de cada família e a Prefeitura chega junto, levando moradia, educação, saúde, emprego e comida na mesa para quem mais precisa.



Saiba mais: [@prefsalvador](#)

